

Julia 338 - O sonho de uma mulher -  
Catherine George

## O SONHO DE UMA MULHER

"Devil Within"

Catherine George



**Cláudia queria amar Saul, mas precisava desprezá-lo!**

"Estamos sozinhos?" O tom malicioso de Saul não deixava dúvidas quanto à sua conclusão. Achava que Cláudia tinha planejado aquilo! Ela se apressou a explicar, mas Saul já não a ouvia. Puxou-a de encontro a si, os lábios ousando sobre os dela com uma insistência selvagem, enquanto as mãos lhe abriam a blusa.

Quando ela conseguiu se desvencilhar, não conteve as lágrimas. Ele ria com o desprezo do patrão que vê uma funcionária ingênua querendo

**Julia 338 - O sonho de uma mulher -  
Catherine George**

seduzi-lo.

Disponibilização: Rita  
Digitalização: Simoninha  
Revisão: Crysty

**Julia 338 - O sonho de uma mulher -  
Catherine George**

Copyright: © Catherine George  
Título original: "Devil Within"

Publicado originalmente em 1984 pela  
Mills & Boon, Londres, Inglaterra  
Tradução: Cris Borba

Copyright para a língua portuguesa: 1986  
Abril S.A. Cultural — São Paulo — Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Artestilo Compositora  
Gráfica Ltda.  
e impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.  
Foto da capa: RJB

## CAPÍTULO

Devido à chuva forte que caía, Cláudia se concentrava ao máximo na direção. De vez em quando, porém, lançava um olhar disfarçado na direção de Liz, que tremia, apesar de ter abotoado o casaco até o pescoço. Suspirou aliviada quando finalmente deixaram o trânsito congestionado de Coventry e tomaram a estrada para Kenilworth.

No entanto, sua alegria durou pouco; quando ela se viu obrigada a parar num farol vermelho, o motor de seu velho automóvel morreu, só voltando a pegar depois de várias tentativas.

— Parece que seu carro está pior do que eu — comentou Liz, com voz rouca, após um acesso de tosse. — Acho que essa gripe foi presente de alguma aluna. Sinto muito por ter estragado nossa viagem.

— Ora, que bobagem! Reze para eu conseguir fazer este ferro velho andar e já me darei por feliz — respondeu quando o automóvel tornou a parar.

Cinco minutos mais tarde, Cláudia conseguiu pôr o carro em movimento, embora ainda se ouvisse um ruído estranho vindo do motor.

— Fiquei chateada por ter estragado nosso passeio. Tem certeza de que não quer ir sozinha, Cláudia?

— Como? Mesmo que você estivesse ótima, não teríamos transporte. Se eu conseguir chegar em casa com este carro, vai ser um milagre. Imagine até Kendal!

## Julia 338 - O sonho de uma mulher - Catherine George

— Nesse caso, pare no primeiro mecânico em Kenilworth. Acho loucura você se arriscar a prosseguir.

— Prefiro levá-lo ao meu mecânico habitual. Além disso, a chuva diminuiu um pouco. A propósito, você se incomodaria se eu a deixasse aqui na esquina, Liz? Tenho medo de, ao fazer a manobra, o carro morrer novamente.

— Em absoluto! Ligue quando chegar em casa... se conseguir.

— Obrigada pelo estímulo! — brincou Cláudia, encostando no meio-fio.

— Tchau, querida!

— Tchau! Trate de tomar uma aspirina com um chá quente e ir direto para a cama, hein?

— Certo, mamãe. . . — retrucou Liz, afastando-se com um sorriso.

Com o carro morrendo de tanto em tanto, Cláudia levou quase uma hora para percorrer os vinte quilômetros que a separavam de sua oficina de costume. Por sorte, o mecânico ainda não havia ido embora e, após examinar o veículo, balançou a cabeça, num gesto desolado, e limpou as mãos num pano.

— Sinto muito, srta. March. O problema é com o câmbio e vou precisar desmontá-lo.

— Oh, não! E quando ficará pronto?

— Só na terça-feira à tarde.

— Bom, então o jeito é esperar... — Tirando o guarda-chuva e a pasta do carro, acrescentou: — Telefone na terça à tarde para ver se ficou pronto. Boa noite.

## Julia 338 - O sonho de uma mulher - Catherine George

Respondendo com um gesto, o mecânico pôs-se a observar a figura alta e esbelta, que se afastava, os cabelos dourados esvoaçando.

A chuva fria daquele fim de outubro caía impiedosa, enquanto Cláudia caminhava ligeiro, tomando cuidado para não escorregar nas folhas mortas que se amontoavam nas calçadas. Todas as lojas já estavam fechadas, menos uma pizzaria e um bar. Dois quarteirões adiante, quando o relógio da igreja bateu as horas, ela alcançou os jardins do condomínio onde morava.

Embora o conjunto residencial se localizasse de frente para a rua principal, Cláudia tivera sorte e conseguira comprar um pequeno apartamento num prédio dos fundos. De lá, tinha uma boa vista do parque e quase não chegavam os barulhos do trânsito.

Como de hábito, ela passou reto pelo elevador e subiu a escada rapidamente, girando a chave na fechadura com um suspiro de alívio.

Ligou para Liz, como havia prometido, pendurou a capa atrás da porta do banheiro e, colocando uma chaleira com água no fogo, tomou uma ducha para se reanimar. Após preparai' um café, sentou-se a fim de verificar a correspondência do dia. Além da conta de luz, encontrou alguns folhetos de propaganda e um envelope grosso, escrito com uma letra conhecida.

Abrindo-o com dedos ansiosos, deparou com o convite de casamento de Richard Freer. Ela o conhecera em Cambridge, e os dois tinham convivido muito tempo juntos, criando fortes laços de amizade entre si, embora todos os julgassem namorados. Depois de se formarem, haviam se

## Julia 338 - O sonho de uma mulher - Catherine George

empregado em lugares diferentes, e a antiga camaradagem quase desaparecera. Apesar disso, Cláudia sentiu uma pontada de tristeza, ao descobrir que o ex-colega ia se casar.

Jogando o convite para um lado, serviu-se de mais café e ligou o aparelho de som em um programa de clássicos. Sentia-se deprimida e atribuía isso ao cansaço. No último dia de aula, suas alunas não estavam nada interessadas em literatura, comportando-se como moleques de rua, às vésperas das férias. Nesse aspecto, portanto, a aristocrática Highdean School não se diferenciava de qualquer escola pública, e ela fora obrigada a apelar a todo seu autocontrole para não gritar.

A última gota, porém, fora a descoberta de que sua colega, Liz, contraíra uma gripe fortíssima, o que significava adeus à viagem que ambas haviam programado a Lake District.

— Ainda por cima, aquela droga de carro tinha de quebrar! — resmungou em voz baixa, indo para a cozinha, preparar o jantar.

Quando a tinham convidado para lecionar em Highdean School, Cláudia definira como prioridade comprar uma casa própria, projeto no qual empregara todas as suas economias. Assim, tivera de se contentar com o velho carrinho verde, que vivia dando problemas.

Resolvida a não ficar mofando em casa naquele início de férias, pegou o jornal e começou a folheá-lo, procurando as estréias de teatro. De repente, um anúncio despertou-lhe a atenção:

"Precisa-se de governanta para uma menina de cinco anos, em Minas Gerais, Brasil. Só

## Julia 338 - O sonho de uma mulher - Catherine George

aceitaremos pessoas maduras e de sólida formação intelectual. Daremos preferência a quem pratique esportes".

Dobrando o jornal, ela imaginou como seria maravilhoso morar num país onde o sol brilhasse o ano inteiro, em contato com uma vegetação exuberante. O que será que aquela família entendia como *madura*?

Cláudia completara vinte e sete anos há pouco e possuía um currículo escolar excelente, muito além das necessidades de uma garotinha de cinco anos. Além disso, jogava tênis, *squash*, praticava natação e não dispensava seus vinte minutos de exercícios diários.

Embora não costumasse agir por impulso, levantou-se de um salto e discou o telefone que havia no anúncio. Com espanto, descobriu que se tratava do Park Lane Hotel, no refinado Piccadilly.

— Um minutinho, por favor — pediu a telefonista, depois que Cláudia se identificou e esclareceu o motivo da ligação.

— Boa noite — disse uma voz feminina do outro lado da linha.

— Boa noite — respondeu Cláudia. — Li seu anúncio procurando uma governanta. . .

— Sinto muito, já tenho muitas interessadas. O anúncio está sendo publicado há três dias.

— Ah, que pena! Acabo de vê-lo e pensei que a vaga continuasse disponível.

— Oh, mas continua. Ainda não concluí as entrevistas. Em todo caso, que tal me dar um



## Julia 338 - O sonho de uma mulher - Catherine George

resumo das suas qualificações?

— Primeira aluna nos cursos primário e secundário e primeiro lugar com louvor na Universidade de Trinity, em Cambridge. Leciono inglês e literatura na Highdean School.

— Nossa! Com essas credenciais, você realmente merece uma entrevista. Infelizmente, só posso atendê-la amanhã, às duas da tarde. Você poderia vir nesse horário para conversarmos?

— Claro! Posso, sim.

— Seu nome, por favor?

— Cláudia March.

— Procure-me na recepção quando chegar, srta. March. Meu nome é Beatriz Terence. Até logo.

Surpresa, Cláudia depositou o fone no gancho. Jamais previra que acabaria marcando aquela entrevista. Por sorte, Beatriz Terence parecia ser uma pessoa agradável, e a ida a Londres serviria para preencher seu fim de semana.

Na manhã seguinte, Cláudia levantou-se cedo e vestiu uma camisa de seda branca, com babados vitorianos, e um elegante conjunto de lã acinzentada. Prendeu os longos cabelos num coque no alto da cabeça e passou uma maquiagem leve.

Como o tempo havia piorado, vestiu uma capa impermeável e pegou o guarda-chuva, saindo apressada para a estação de irem. Ao embarcar, perguntou-se se estava agindo certo, comparecendo à entrevista, uma vez que não tinha a intenção de mudar-se para um país do qual não

## Julia 338 - O sonho de uma mulher - Catherine George

sabia nada, além do que ouvira nas aulas de geografia.

Consolando-se com a possibilidade de não ser a escolhida para o cargo, resolveu descontraí-se e aproveitar a curta viagem. Porém, embora procurasse se concentrar na paisagem, pensamentos confusos a atormentavam. Onde estava com a cabeça, quando lera aquele maldito anúncio? Como poderia jogar fora um emprego seguro e razoavelmente bem pago em troca de um sonho? Droga! Se pelo menos tivesse viajado com Liz, nada disso estaria acontecendo.

Em Londres, pegou o metrô até a Bond Street, onde aproveitou para fazer uma refeição ligeira, antes de dirigir-se ao movimentado Piccadilly.

Suspirou aliviada, ao cruzar o hall do sofisticado hotel, e anunciou-se à recepcionista, que a encaminhou aos elevadores, informando o número da suíte de Beatriz Terence.

Com o coração batendo descompassado, Cláudia seguiu as instruções da jovem e bateu à porta indicada.

Foi recebida por uma senhora esbelta, de cabelos grisalhos, elegantemente vestida, que a examinou com visível interesse. Em seguida, estendeu a mão em sua direção e sorriu com simpatia.

— Srta. March? Sou Beatriz Terence. Muito prazer.

— O prazer é meu, sra. Terence.

— Queira se sentar, por favor.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

